

Washington Novaes *

Estranho país é o Brasil. Contam os jornais que morreu num automóvel, em Belo Horizonte, a menina Tainá Tabata Pereira de Sousa, de quatro meses, que passava mal desde a véspera, mas não se conseguira vaga para interná-la em hospital da rede pública. A nona vítima nessas condições em 17 dias, na capital mineira.

Tainá morreu de broncopneumonia. De sufoco. Um sufoco parecido com o de um povo — os Karajá, da ilha do Bananal, que inventaram esse nome, Tainá.

Tainá, na mitologia karajá, era a estrela Dalva, por quem a jovem Beluá se apaixonou e a quem pedia que se transformasse num guerreiro e viesse desposá-la. Condoído, um pajé aprontou suas artes e uma madrugada os karajá, espantados, viram Tainá aproximar-se da aldeia, transformada em ser humano. Mas quando Tainá pousou na areia da praia, Beluá decepcionou-se: era um velhinho enrugado. E ela o repudiou.

Sua irmã Kuanadiki, envergonhada, recebeu Tainá, cuidou dele, dava-lhe de comer, penteava-lhe os cabelos. Tainá só lhe pedia que não o acompanhasse quando fosse à roça de mandioca.

Um dia, preocupada com Tainá durante um temporal, Kuanadiki desobedeceu-o e foi procurá-lo na roça. Viu, então, que ali ele se transformava num jovem e belo guerreiro. O corpo velho era apenas disfarce para testar o amor de Beluá — que, ao vê-lo sob a nova forma, arrependeu-se. Mas era tarde. Tainá e Kuanadiki voaram para o céu, onde ele voltou a ser a estrela Dalva e ela se transformou na pequena estrela que está sempre ao lado da outra, maior e brilhante.

Os karajá, criadores dessa história, vivem no sufoco há mais de 300 anos, que é

de quando datam seus primeiros encontros registrados com os homens brancos. Pela ilha do Bananal, já passaram desde então garimpeiros e madeireiros, fazendeiros e aventureiros, Expedição Brasil Central, SPI, Funai, um mundo de gente. Já foram construídos ali hotel de turismo, base aérea e hospital. Muitos dos karajá se tornaram alcoólatras. Quase todos perdem os dentes muito cedo, com a mudança de alimentação. Mas quem chegar à ilha numa noite de lua cheia vai encontrá-los, vestidos com suas lindas roupas de palha, dançando aruanã. Apesar da Funai, que permite aos fazendeiros do Tocantins colocar 500 mil cabeças de gado em suas terras, durante a seca. Apesar do governador Siqueira Campos, que já tentou transformar a ilha do Bananal em fundação e já doou à Universidade todas as terras da ilha, que não lhe pertencem (foram doadas pelo Estado de Goiás à União para se transformarem em parque nacional e parque indígena).

Tainá deve estar olhando lá de longe, lembrando-se de que já houve tempos piores, como no dia em que milhares de karajá foram mortos por ordem de um governador do século XVIII, que os reuniu, a pretexto de assinar um acordo de paz, e mandou assassiná-los, todos.

Como deve estar olhando Mavutisini, o grande herói dos povos do Alto Xingu, onde vive Tabata, chefe Kuikuro de quem a infeliz menina de Belo Horizonte deve ter herdado o segundo nome (que a mãe deve ter pensado ser nome indígena, ao vê-lo numa série de televisão, sem saber que ele se chama na verdade Uicapá e se tornou conhecido como Tabata porque Orlando Villas-Bôas, um dos fundadores do Parque do Xingu, o achava parecido com um japonês seu amigo, que tinha esse nome).

O gentil e sábio Tabata (fala oito línguas) também está no sufoco, sofrendo.

Teve de mandar seu filho Maricá, de oito anos, que nunca saíra do Xingu, fazer o curso primário em São Paulo, porque faltam professores no parque. Os rios formadores do Xingu começam a ser poluídos com agrotóxicos pelos fazendeiros vizinhos e alguns deles tentaram invadir suas terras. Falta assistência médica e por isso morrem seus amigos, como os chefes Ahula (de catapora contraída em Brasília) e Malakuyawá (de pneumonia e falta de socorro, como a menina Tainá).

“Tainá não precisaria ter morrido se a saúde no Brasil não se houvesse transformado na calamidade que é hoje”

Tainá Tabata não precisaria ter morrido se a saúde no Brasil não se houvesse transformado na calamidade que é: apesar dos progressos recentes, ainda morrem antes de completar um ano de vida 54 de cada 1.000 crianças que nascem vivas (nos Estados Unidos, morrem 11 em 1.000; na Grã-Bretanha, nove; no Canadá, sete — mas os Estados Unidos gastam 11% do Produto Interno Bruto em saúde, a Grã-Bretanha, 6,2%, o Canadá, 7%; o Brasil, dizem, mas não provam, gasta 2%). As Tainás morrem de diarreia, de fome, de desnutrição para engordar as estatísticas

que nos colocam em primeiro lugar no mundo em tantas mazelas, na área da saúde, e que não é preciso nem enumerar.

E já houve tempo em que não era assim. Tempo em que os ricos lutavam para conseguir pistolões e internar-se nos hospitais da rede da Previdência Social. Quem tem mais de 40 anos se lembra do que eram os hospitais do Ipase, do Iapi, do Iapetec, do IAPB (este, o famoso Hospital dos Bancários na Lagoa, no Rio). Já não adianta responsabilizar o ministro Leonel Miranda, do governo Costa e Silva, que começou a história de privatizar a medicina. Não privatizou tudo, mas abriu caminho para o sucateamento e a falência da rede hospitalar pública, contando mais tarde com o inestimável apoio do corporativismo de grande parte dos médicos. A rede está agora do jeito que os jornais noticiam, ao mesmo tempo em que dão conta de que o Iapas (o gestor da Previdência), no tempo do ministro Barbalho, em 1989, gastou 1,6 bilhão de cruzados novos (uns 9 bilhões de cruzeiros de hoje) na contratação de serviços de auditoria externa e consultoria de informática — que, segundo os técnicos da própria Previdência, poderiam ter sido executados por órgãos internos, como a Dataprev. Quantas Tainás daria para salvar com este dinheiro?

Tainá Tabata tinha por sobrenome Pereira de Sousa, o mesmo do presidente Washington Luiz, deposto em 1930, preso e exilado 16 anos por uma revolução que pretendia salvar o Brasil das mazelas da época, salvar a eleição a bico de pena e salvar da falência os fazendeiros do café. Washington Luiz achava que a questão social era “um caso de polícia”, a ser resolvido com patas de cavalos. Mas certamente se escandalizaria se visse o que acontece hoje, ele, que ninguém jamais se atreveu a acusar de qualquer improbidade.

A pequena Tainá Tabata Pereira de Sousa deve estar hoje vagando pelos espaços da estrela que lhe deu o nome. Cuidando, como sua madrinha, de arranjar um jeito para proteger milhões de outras Tainás, pelo Brasil afora. Inclusive entre os karajás, os kuikuros, os yanomamis que estão morrendo e os waimiri-atroaris que estão no sufoco.

Hélio Pellegrino, que tanta falta faz com sua indignação, encantava-se com o mito fundamental dos karajás. Porque no começo do mundo eles eram imortais. Eram peixes — aruanãs — e viviam sob as águas. Mas havia uma interdição: não podiam passar por um buraco luminoso no fundo da água.

Um dia, um karajá desrespeitou a proibição, atravessou o buraco e saiu nas praias alvíssimas do Rio Araguaia. Voltou e contou a seus irmãos que foram com ele pedir a Kananciué, seu grande herói mitológico, que lhes permitisse morar naquelas praias. Kananciué argumentou que, para isto, teriam de deixar de ser imortais, e eles, por amor à vida, às praias e à beleza do Araguaia, escolheram ser mortais.

Hélio Pellegrino achava que este mito cristaliza o que pode ser a sabedoria suprema do ser humano: aceitar a mortalidade para nascer integralmente como pessoa.

A pequena Tainá belo-horizontina não teve o direito de escolher nada. Quem sabe agora sua morte, colocando-nos diante da dramática realidade do nosso país, não nos ajude a tomar juízo? Não inspire o novo ministro da Saúde a fechar o buraco negro pelo qual ela teve de passar, que só leva à degradação e à morte aviltada?

Lá nas estrelas a pequena Tainá Tabata Pereira de Sousa poderia, enfim, sair do sufoco e brilhar. Gente nasce para brilhar, já ensinou Caetano.